

## **FORMAÇÃO DISCURSIVA E SILÊNCIOS NA CARTA CULTURAL IBERO-AMERICANA**

Camila da Silva Lucena<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Visando incentivar uma discussão acerca dos movimentos discursivos mobilizados em acordos institucionais que versam sobre a união estratégica de países ou regiões, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso pela integração da Ibero-América. Nossas primeiras leituras apontam para a compreensão de que a ideia de integração tem como discurso legitimador a história de formação desses países, exaltando um passado em comum que os aproxima e favorece sua união. A partir da *Carta Cultural Ibero-americana* e do *Documento de Desenvolvimento da Carta*, documentos institucionais elaborados pela OEI (organização dos Estados Ibero-americanos), entendemos ser possível analisar esse discurso pela integração rastreando suas regularidades constitutivas. Desse modo, partimos da hipótese de que esses dois documentos apresentam o que chamamos de *formação discursiva integracionista*, que atua construindo “sentidos-outros” ao teorizar sobre o que seria esse espaço e os sujeitos que dele formam parte, mobilizando uma memória (COURTINE, 1999; PÊCHEUX, [1975] 1997) fragmentada, apagando dizeres que não interessam a um discurso de integração. Portanto, objetivamos especificamente analisar o funcionamento discursivo dessa *FD integracionista* pensando no entrecruzamento entre memória e silêncio o modo como são atualizados na/pela proposta de integração da Ibero-América.

---

<sup>1</sup> Mestranda em linguística pela UFPE, e-mail: camila.lucena@live.com

## **SOBRE A FORMAÇÃO DISCURSIVA E OS SILÊNCIOS<sup>2</sup>**

A partir de uma análise inicial entendemos que Carta Cultural Ibero-Americana<sup>3</sup> apresenta um discurso integracionista, que regula toda uma série de saberes sobre o que é o *Espaço Cultural Iberoamericano*. Pêcheux ([1975] 1997) chama esta força que regulariza os saberes de formação discursiva, e cabe a nós entender o que seria e como funcionaria essa noção, para pensar os efeitos de sentidos possíveis a partir dela na *Carta*. Para a Análise do Discurso, a ideia de que haja um sentido literal para uma palavra é rechaçada. O que há, é um efeito de evidência que produz uma aparente literalidade de sentidos para o discurso. Porém, esta evidência é o resultado do trabalho da ideologia, que é inerente a todo processo discursivo. Segundo Orlandi (2007, p. 45), “a evidência do sentido, que na realidade é um efeito ideológico, não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção”. Ou seja, o sentido de uma palavra é construído ideologicamente, visto que está determinado pelas posições ideológicas nas quais os sujeitos estão inseridos.

Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, [1975] 1997, p. 60)

Portanto, os sentidos, ou melhor, os efeitos de sentidos são determinados pela formação ideológica a que se vinculam. Cada formação ideológica carrega consigo uma ou mais formações discursivas, que são definidas como uma matriz de

---

<sup>2</sup> Defino este trabalho como uma problematização inicial da minha pesquisa do mestrado, na qual me proponho a pensar o discurso integracionista e o espaço cultural Ibero-Americano, considerando a cultura como motivadora dos discursos pela integração da Ibero-América, a partir dos dois documentos citados acima. Mais especificamente este já é o segundo trabalho que faz parte dessas problematizações iniciais, o que me permite partir de algumas considerações já analisadas em um trabalho anterior.

<sup>3</sup> A OEI configura-se como um organismo governamental de abrangência internacional, que tem como objetivo promover uma cooperação entre os países ibero-americanos, buscando um desenvolvimento igual e efetivo no que se refere à educação, ciência, tecnologia e cultura. Ao tomar a cultura como um dos princípios fundamentais para esta integração, em 2006, na *Cumbre de Jefes de Estado y Gobierno*, em Montevideo, foi aprovada a *Carta Cultural Ibero-Americana* e, mais tarde, um documento de caráter político que amplia o conteúdo deste chamado *Avanzar en la construcción de un Espacio Cultural compartido. Desarrollo de la Carta Cultural Iberoamericana (doravante Documento de desenvolvimento da carta)*.

saberes que regulam “o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (HAROCHE, PÊCHEUX, HENRY, 2007, p. 26). Isto é, os sentidos mudam de acordo com a formação discursiva na qual estejam inseridos. Eles não estão, portanto, na língua, mas sim na relação entre a língua, o sujeito e as condições sócio-históricas e ideológicas.

Pensando na Carta Cultural Ibero-americana, este documento está fundamentado por uma posição ideológica que defende a integração da Ibero-América. A favor dessa posição se manifesta uma formação discursiva integracionista (doravante FD integracionista), que regula os saberes que definem e representam na linguagem a formação ideológica correspondente, visto que,

cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras. (HAROCHE, PÊCHEUX, HENRY, 2007, p. 26).

Desse modo, a FD integracionista pode ser definida a partir de alguns aspectos. Podemos citar como exemplos: o discurso que recupera a memória das formações histórica dos países desta região; o argumento da proximidade das línguas, dos problemas sociais e de desenvolvimento; e o emprego da cultura como condição para o desenvolvimento social e econômico. Chamamos de integracionista a FD a que se vincula a Carta visto ter ela como objetivo provocar uma identificação nos indivíduos dessa região para que possam se reconhecer nesta posição e a partir daí atuar efetivamente como um sujeito ibero-americano. Nesse discurso pela integração, nota-se um movimento em direção ao desejo de completude, isto é, o desejo de esgotar os sentidos possíveis por meio dos ditos na Carta. Porém, para a Análise do Discurso esse desejo é da ordem da ilusão, uma vez que a incompletude é constitutiva do discurso, característica própria também do real da língua, com a qual trabalhamos. Dessa forma, o não-dito faz eco e torna-se significativo, dando luz a dizeres velados que se realizam discursivamente por meio de uma ausência-presença. De Nardi nos chama a atenção para o fato de que:

Esse impossível de ser dito resulta de uma proibição, ou seja, da possibilidade de que exista sempre um não pronto a manifestar-se em todo o discurso e que se diz a partir da formação discursiva a que tal dizer se inscreve. Esse não, determinado pelas condições de produção de um dizer, limita os efeitos de sentidos possíveis: pode ser um não ideológico, impedindo que um efeito de sentido determinado ganhe validade; ou um não histórico, invalidando um dizer pelo apagamento da memória. (2003, p.3)

Definida como um conjunto de já-ditos que retomam pelo discurso reatualizando-se (INDURSKY, 2011), a memória porta-se como um lugar anterior, compartilhado e ao mesmo tempo atravessado pelo esquecimento. No caso da Carta, há uma memória compartilhada pelos sujeitos ibero-americanos, porém de forma fragmentada, apagando-se dizeres que não interessam a um discurso de integração. Diremos, então, que esses não-ditos são silêncios (ORLANDI, 1995) e que estes são constituintes da Carta Cultural Ibero-americana, resultado dessa memória fragmentada, condição esta que funciona também como elemento constitutivo desse objeto. Para Orlandi (1995), o silenciamento responde a uma política do sentido que se manifesta através de duas formas: pelo silêncio constitutivo e pelo silêncio local. Esse último é definido pela autora como uma forma de produção de sentido fraca, uma vez que se proíbe dizer até aquilo que poderia ser dito. Como exemplo, cita a censura, que trabalha através da interdição do dizer. Já o silêncio constitutivo seria o não-dito presente sempre que se diz algo. Aquilo que é apagado por ser indesejado, mesmo sendo possível de ser dito. Então, se diz e se repete o que é desejado para diminuir as chances de que surja aquele sentido que não interessa para uma dada conjuntura.

Estes silêncios também são determinados pelas formações discursivas às quais se vinculam. Dessa forma, um não-dito pode trazer para o funcionamento discursivo uma outra formação discursiva, que estava sendo evitada e que entrará em confronto com a formação discursiva em funcionamento, a não silenciada. Assim que, “por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma ‘outra’ formação discursiva, uma ‘outra’ região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites do dizer”. (ORLANDI, 1995, p.76) Desse modo, a formação discursiva integracionista, ao regular os saberes do que pode e deve ser dito, tem os silêncios como constituintes que atuam reforçando essa limitação do dizer. Portanto, assim como afirma Orlandi, os silêncios, assim como o dito, estão contextualizados sócio-historicamente, dado que é no interior de uma formação discursiva que vão produzir sentidos.

## **SOBRE O SUJEITO E A TOMADA DE POSIÇÃO**

Como vimos, o discurso pela integração da Ibero-América, com o objetivo de provocar uma identificação no sujeito dessa região, tem como característica a convocação dos indivíduos para assumirem a posição de sujeito ibero-americano, isto é, para compartilharem da FD integracionista.<sup>4</sup> Uma vez que assume uma posição, o sujeito estará regulado pelos saberes de determinada formação discursiva, o que implica dizer que esses saberes determinam o que ele pode e deve dizer para ser coerente com a FD que assumiu, sendo assim o discurso não será seu e sim de um grupo ideologicamente representado. Porém, o sujeito não tem a ciência dessa determinação, de forma que, “tal concepção obriga Michel Pêcheux a declarar que o sujeito é ‘suscetível de esquecer’, ou seja, esse sujeito interpreta mal ou absorve a ‘causa’ ou determinação de seu discurso, pensando ao contrário ser seu criador, fonte e origem do sentido.” (BARONAS, 2007, p. 200).

Dessa forma, chegamos à noção de sujeito na AD pecheuxtiana, noção crucial para entendermos a estratégia que a Carta cria ao convocar o indivíduo a compartilhar da FD integracionista fazendo-o esquecer dessa anterioridade. O sujeito para a AD é constituído pela história e pela ideologia, de modo que estes dois fatores vão determinar diretamente seu discurso. Isto é, o sujeito não é a origem do que fala, mas vive segundo essa ilusão. Para Indursky (2008), ele é duplamente afetado:

Na constituição de sua psiquê, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. É a partir deste laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da Análise do Discurso se constitui. É sob o efeito desta articulação que o sujeito da AD produz seu discurso. (2008, p. 10 -11)

O discurso de um sujeito está sempre inserido, segundo Pêcheux ([1975] 1997), em uma formação discursiva, que representa na linguagem o funcionamento das formações ideológicas. Então, quando o indivíduo é assujeitado (ALTHUSSER, 1970), ou seja, quando a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, estes são

---

<sup>4</sup> Neste trabalho não temos como objetivo analisar se de fato ocorre ou não uma identificação. Entretanto, procuramos entender como se funda esta estratégia, pois, de certa forma, é relevante para analisar como o sujeito está representado, sendo esta uma questão interessante para este ou futuros trabalhos.

chamados a se identificar com determinada rede de discursos. Essa noção de sujeito provocou e ainda provoca críticas até mesmo de outras perspectivas da Análise do Discurso. O ponto alvo da crítica é esse assujeitamento, contribuição trazida de Althusser da obra *Aparelhos Ideológicos do Estado* (1970). Muitos entendem esse assujeitamento como uma falta de criticidade, como se o sujeito não soubesse de sua vinculação ideológica. Porém, não é assim que entendemos. Consideramos que o assujeitamento é inerente a todo indivíduo e a partir dele nosso interesse é analisar como o lugar que ele ocupa na sociedade influencia o seu dizer.

Pêcheux ainda define que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, [1975] 1997, p. 214). A partir dessas formulações podemos pensar na noção de identificação. Esta se manifesta nesse movimento no qual o sujeito se cola a uma rede de discursos e então produz sentido para o que fala. É um processo de construção do sujeito, enquanto sujeito no discurso. Ainda pensando em como se dá a vinculação de um sujeito com uma formação discursiva, Pêcheux ([1975] 1997) trabalha com a noção de tomada de posição ou modalidades de desdobramento de um sujeito diante de uma formação discursiva. Essa “tomada de posição” do sujeito se realiza a partir de três modalidades: a identificação, a contra-identificação e a desidentificação. A identificação seria a vinculação plena do indivíduo com uma formação discursiva, a contra-identificação seria, nas palavras de Pêcheux ([1975] 1997, p. 198), um “distanciamento, dúvida ou questionamento” com relação à formação discursiva que lhe é imposta, e a desidentificação a ruptura com essa formação discursiva dominante.

A *Carta Cultural Ibero-americana* funciona a partir desta estratégia de levar um sujeito a se reconhecer ibero-americano a partir da tomada de posição da primeira modalidade, afastando a possibilidade dele se reconhecer na outras. Assim, partindo da FD integracionista, faz uma série de representações do que é o Espaço Cultural ibero-americano e de como são os sujeitos que atuam nesse espaço. Contudo, apesar dessa tentativa de afastamento das outras modalidades, é possível, a partir da formação discursiva que a Carta sustenta, recuperar não-ditos que sugerem aos sujeitos essas outras possibilidades de tomada de posição. Observamos na análise a trajetória pela qual se dá a construção dessa FD

integracionista, refletindo sobre as determinações impostas pelos ditos e não-ditos e analisando o modo como é definido/regulado o espaço e o sujeito ibero-americano. Devido ao espaço limitado e ao caráter inicial dessa problemática optamos apenas por comentar, no tópico seguinte, as impressões gerais da análise da *Carta*.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE INICIAL DA CARTA**

Como apontado anteriormente, é possível perceber com esta análise inicial que na Carta Cultural Ibero-americana predomina uma orientação discursiva chamada por nós de FD integracionista, que tem como objetivo regular os saberes em defesa da integração ibero-americana. Esta FD integracionista é construída por um entrecruzamento de discursos, que convergem ao determinarem que as semelhanças históricas, linguísticas e de desenvolvimento social dessa região são fatores que favorecem a integração. Centrada nessas questões, a FD integracionista representa na linguagem uma formação ideológica (PECHEUX, [1975] 1997, p. 197) de base econômica e cultural, a partir da qual se (re)define o sentido de cultura, espaço e sujeito ibero-americano, para este contexto, permitindo, com isso, o destaque de certos saberes e a exclusão de outros.

Com isso, vai ser fundamental para a FD integracionista recuperar a vinculação histórica dos países desta região. Nesse sentido, se propõe a teorizar sobre as semelhanças que aproximam a cultura desses países como um dos principais elementos para a integração. A Ibero-América, então, teria um vínculo em comum que se constitui por *memorias, tradiciones históricas, prácticas culturales y formas de organización emparentadas*<sup>5</sup>(CCI, p.43), que favorecem a integração. A exaltação dessas questões é constante na *Carta*. Notamos, às vezes, quase um tom romântico que convida os sujeitos a compartilhar desse ideal, para que assim percebam o “comum” que os aproxima. Entretanto, observamos também que logo este discurso pela cultura e essa romancização são substituídos por uma temática de caráter econômico, ao expor fins e estratégias para o desenvolvimento da região. A cultura a partir desse discurso parece ser (re)significada, uma vez que é vista

---

<sup>5</sup> Os fragmentos que aparecerão em itálico e em língua espanhola são fragmentos da Carta Cultural Ibero-americana (CCI).

como o resultado da vinculação histórica, também é considerada como *una condición, un medio y un fin para el desarrollo social* (CCI, p. 27). Isto é, mais que um elemento que tem que ser valorizado para a preservação de uma memória, é concebida também como uma ferramenta de reconhecimento e de desenvolvimento econômico e social. Na FD integracionista presente nesse documento, é possível afirmar essas duas faces da cultura, o que demonstra que esse é um processo que ocorre ao mesmo tempo, colocando essas duas posições uma em função da outra.

A *Carta* define como objetivo principal a consolidação do chamado *Espacio Cultural Iberoamericano* e ao definir que este espaço é um *entramado de aspiraciones comunes y también de problemas comunes, dificultades laborales y proyectos aplazados, tensiones educativas y exclusiones* (CCI, p. 43), termina criando uma homogeneização e apesar de afirmar que as diferenças serão preservadas, isto parece não se realizar efetivamente. Porque, a partir de uma análise inicial da *Carta*, entendemos que na tentativa de unificação o semelhante é valorizado, enquanto o diferente ou minoritário é inevitavelmente esquecido. Com relação aos problemas, acabam sendo citados apenas os problemas que representam a condição atual da Ibero-América. Em nenhum momento, pelo menos até onde analisamos, encontramos referências a possíveis problemas resultantes da colonização exploratória da região. Porém, essa falta ecoa, se faz perceber, porque falar do desenvolvimento e da história da região e não falar desse fato histórico é omitir uma das razões que fizeram essa região ser como é hoje. Esse silêncio constitutivo atua em favor da FD integracionista, apagando os dizeres indesejados, pois lembrar da colonização é falar também da violência, é questionar essa aliança com o lado Ibero.

Outro elemento da FD integracionista que unifica este sujeito ibero-americano a partir de uma homogeneidade é a referência a uma herança linguística da Ibero-América: o sujeito ibero-americano, segundo a *Carta*, fala português e espanhol, línguas que geralmente são definidas como irmãs, então seriam irmãos também os países que compõem esta região. E se isso acontece, por que não concretizar essa aparente vinculação efetivamente? Isto é o que o documento se dedica a reforçar e cristalizar no imaginário ibero-americano. Como sugere a *Carta*, estas duas línguas facilitam la *narración, la representación y el intercambio* (CCI, p. 46), e essas seriam

condições perfeitas para uma integração. Aqui mais uma vez se silencia o porquê dessa região ser formada por países com o predomínio da língua portuguesa e espanhola. É mais um silêncio constitutivo que limita os dizeres da FD integracionista.

Em síntese, apesar de ser uma abordagem inicial, com este trabalho foi possível rastrear algumas questões importantes acerca do funcionamento discursivo da *Carta Cultural Ibero-americana*. Apresentamos pontos significativos que surgem com objetivo da integração de uma região tão grande como é a Ibero-América, pontos estes que merecem uma análise mais atenciosa que não pôde ser feita e nem era o objetivo desse trabalho. Entendemos que tais discussões nos permitiram observar a naturalização de certos sentidos produzidos em torno desse espaço, observando uma tentativa de (re)atualização e regulação no modo de ver e pensar a Ibero-América. Por fim, acreditamos, pois, que analisar o modo como os países Ibero-americanos e a cultura desse grupo são representados através da proposta de integração da OEI nos coloca diante de discussões onde o discurso revela-se um lugar privilegiado de análise, cabendo aos que se ocupam da linguagem compreender quais são os mecanismos por meio dos quais se realizam tais construções.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa: Presença 1970.

BARONAS, Roberto Leiser. *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Eds., 2007.

DE NARDI, F. Entre a lembrança e o esquecimento: os trabalhos da memória na relação com a língua e com o discurso. In.: LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.) *Discurso, língua e memória*. *Revista Organon*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, 2003, p. 65-85.

*Desarrollo de la carta cultural iberoamericana* (2006). Disponible en: <<http://www.culturasiberoamericanas.org/>>. Acceso en: 21 de enero de 2014.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. (1971). A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.).

*Análise do discurso*: Apontamentos para uma história da noção –conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Eds., 2007.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. (Orgs). *Práticas Discursivas e Identitárias*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9 – 33.

\_\_\_\_\_. A memória na cena do discurso. In. INDURSKY, F. MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-91.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio – no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. (1969). “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: GADET & HAK (org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.